



DICASTERIUM
DE CULTURA ET EDUCATIONE

A EMPATIA É UM RECURSO QUE AS UNIVERSIDADES CATÓLICAS TRAZEM EM SI

Quando o Papa Leão XIV assinou, a 15 de maio de 2026, a sua primeira encíclica — significativamente no 135.º aniversário da *Rerum Novarum* de Leão XIII —, a sua intenção não foi apenas a de construir um documento programático. Ele pretendia identificar com precisão a encruzilhada epocal em que os Seres Humanos hoje se encontram. O avanço da inteligência artificial promete ser capaz de simular aquilo que a tecnologia nunca poderá jamais substituir: a nossa própria humanidade. Por isso a *Magnifica Humanitas* não é um tratado sobre tecnologia. É, como o seu subtítulo indica, um documento sobre a salvaguarda da pessoa humana na era da inteligência artificial. E é exactamente aí, nesse ponto de tensão entre simulação e experiência, que o Papa situa a empatia como categoria em perigo, justificando assim a urgência do seu apelo a uma reflexão aberta: «Quando a palavra é simulada, mas não encarnada, ela não constrói uma relação, mas sim uma aparência dela» (MH, n.100). A primeira Trienal de Arte Contemporânea das Universidades Católicas — cem artistas, sete universidades, três continentes distintos — brota deste apelo.

A Trienal como ato de empatia

Se existisse uma palavra capaz de representar as Universidades Católicas e a sua visão integral sobre o significado da educação, essa palavra seria empatia. A empatia está presente na origem deste projeto universitário; define perfeitamente a sua competência específica; e traduz com eficácia a sua missão. Não se trata de um ornamento retórico, mas de um princípio estrutural: é a partir da capacidade de se colocar dentro da experiência do outro e de habitar o seu ponto de vista que a universidade pode cumprir a sua vocação mais própria, que é a de gerar comunidade em torno da verdade. Como recorda São João Paulo II na constituição apostólica *Ex Corde Ecclesiae* (1990), as universidades católicas nasceram «do coração da Igreja», como corporação de professores e estudantes empenhados na busca compartilhada da verdade e convictamente abertos à totalidade dos saberes humanos. É precisamente aqui que a empatia entra em cena como disposição estável que torna possível

conjugar uma meticulosa atividade científica com o cuidado constante pela pessoa. Hannah Arendt, no seu ensaio *A Crise da Educação* (1954), escreveu que «a educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o suficiente para assumir a responsabilidade por ele». Esta intuição encontra na tradição das universidades católicas uma ressonância particular: educar não é apenas transmitir conteúdos, é um ato de amor de quem se sente responsável pelo presente e pelo futuro mundo encontrando respostas empáticas para as suas necessidades.

A Trienal de Arte Contemporânea das Universidades Católicas dispõe-se, além disso, a fazer rede entre universidades católicas, espalhadas em diferentes geografias, aceitando o repto de reconhecimento de uma identidade comum, que potencia a riqueza da relação. Juntos constituímos sistema — não uma federação de interesses, mas um corpo vivo, articulado, no qual cada instituição contribui com a sua própria estação, a sua própria linguagem, o seu próprio contexto histórico. Esta convergência de visões e de esforços constitui, em si mesma, um ato de empatia institucional.

O Papa Leão XIV encoraja as universidades a fazer da empatia a ferramenta da sua construção quotidiana. Como afirma de forma incisiva na Magnífica Humanitas, a empatia é fundamental quando se trata de «relacionar e fundir os conhecimentos para interpretar a complexidade» (MH, n.137). E, do mesmo modo, é ela que permite à comunidade universitária ter impacto social e cultural, contribuindo para «o discernimento sobre as escolhas que afetam a vida das pessoas» (MH, n.72). Não é por acaso que estas duas dimensões — a capacidade de estabelecer o diálogo interdisciplinar e de realizar o discernimento ético — surgem associadas: só uma universidade capaz de empatia consegue transformar a fragmentação dos saberes especializados numa sabedoria orientada para o bem das pessoas e das sociedades concretas.

Uma palavra que é sinónimo da esperança

No frágil e fragmentado contexto do presente, marcado por polarizações crescentes e por formas cada vez mais sofisticadas de comunicação que, paradoxalmente, isolam mais do que unem, ela configura-se como uma necessária operação cultural de resgate. A empatia é uma ferramenta cada vez mais indispensável para construir e partilhar conhecimento, para tecer reciprocidades, para relançar práticas colaborativas, e não apenas no âmbito restrito das relações pessoais, mas também, ou sobretudo, no polifónico e alargado entrelaçar da vida coletiva.

As diferentes tipologias de comunidade que compõem a sociedade global — a família, a escola e a universidade, as instituições políticas e os espaços da vida cívica — só têm a ganhar no aprofundamento desta forma de saber onde o humano se exprime de maneira privilegiada. Uma família que educa para a empatia forma pessoas capazes de habitar a diferença sem medo; uma universidade que a cultiva forma profissionais que não reduzem o outro a um dado ou a uma função; um ambiente de trabalho atravessado pela empatia transforma-se em lugar de reconhecimento e não apenas de produtividade. Como chama a

atenção o Papa Leão XIV, um sistema artificial pode reproduzir os sinais externos da compaixão, mas não pode sofrer com quem sofre, nem alegrar-se verdadeiramente com quem se alegra. É por isso que, num tempo em que tantos processos — informativos, relacionais, até afetivos — são delegados a algoritmos, reafirmar a centralidade da empatia humana se torna um ato de consciência cultural e, ao mesmo tempo, de esperança.

A humildade sem a qual a empatia não existe

O termo empatia é relativamente recente. Não existe, por exemplo, no grego antigo, nem no latim clássico com o sentido que hoje lhe atribuímos. Surge, sim, cunhado no final do século XIX e o seu uso mais recorrente regista-se curiosamente no domínio da estética. Quando contemplamos um objeto artístico projetamos nele um dinamismo que pertence à nossa existência psíquica, mas que nos faz sentir dentro daquilo que observamos. Mas, do vocabulário próprio da estética, a aplicação do termo empatia transitou depois para o campo das relações interpessoais, pois quando olhamos para o rosto de alguém projetamos também nesse rosto o nosso próprio repertório de estados internos, e podemos mapear, por analogia, sentimentos semelhantes que já experimentámos. Esta teoria geral sobre a empatia, conhecida como “teoria da imitação interior”, teve como autor o filósofo alemão Theodor Lipps e viria a ser retomada pela escola de Husserl.

Deve-se dizer que o círculo fenomenológico de Edmund Husserl percebeu rapidamente que a teoria de Lipps, ao explicar a compreensão do outro como projeção do eu, corria o risco de não alcançar o outro na sua singular alteridade. Se tudo o que reconheço no rosto alheio é uma projeção da minha própria experiência interior, nunca saio, de facto, de mim mesmo — o outro permanece, no fundo, um reflexo meu, e não um sujeito autónomo com uma vida interior genuinamente distinta da minha.

Foi precisamente sobre este problema que Edith Stein, filósofa, santa e doutora da Igreja, um dos referentes fundamentais para o diálogo entre a fé e a razão na contemporaneidade, escreveu a sua dissertação de doutoramento, intitulada *Zum Problem der Einfühlung* — “Sobre o problema da empatia”. Stein insiste num ponto decisivo: nunca vivemos a dor ou a alegria do outro como o outro a vive; vivemo-las como *sendo do outro*. É esta humildade constitutiva — o facto da empatia nunca anular a alteridade do outro, nunca a absorver banalmente na minha própria experiência — que torna a empatia um ato de conhecimento respeitoso, e não uma forma de relativismo ou de apropriação. O treino paciente daquela proximidade em que o outro pode ser verdadeiramente reconhecido como outro é um ensinamento importante para a nossa época, marcada por novas formas de incompreensão cultural ou de despersonalização algorítmica.

A Trienal como escola da empatia

Estou convencido de que o conceito de empatia oferece à primeira Trienal de Arte Contemporânea das Universidades Católicas um fértil estímulo para colocar em diálogo a estética e a ética e, ao mesmo tempo, para estimular todos os saberes a uma conversação interdisciplinar, aproximando-nos uns dos outros para realizarmos juntos esse exercício

exigente, lento, mas apaixonante que é, no fundo, o reconhecimento mútuo. Não é casual que tenha sido justamente no domínio da estética que o conceito de empatia nasceu: a experiência da obra de arte continua a ser, ainda hoje, um dos treinos mais eficazes para a capacidade de nos deixarmos afetar por algo — ou por alguém — que nos excede.

Já São John Henry Newman, em *The Idea of a University* (1852), tinha descrito com clareza este mesmo movimento como o verdadeiro fruto da vida universitária: eruditos zelosos das suas próprias ciências e, por isso mesmo, rivais entre si, são levados pelo convívio a ajustar as pretensões e as fronteiras dos respectivos campos de investigação, e assim «aprendem a respeitar-se, a consultar-se, a auxiliar-se uns aos outros». É esta mesma passagem — da rivalidade das especializações ao respeito mútuo, do isolamento disciplinar ao auxílio recíproco — que a Trienal se propõe fazer percorrer, não apenas entre saberes, mas entre pessoas, instituições e culturas.

Afirmar a amizade como fermento cultural é uma tarefa urgente que nos deve congrega a todos, no interior das nossas comunidades universitárias e fora delas. A criatividade artística pode potencializar novos exercícios de empatia institucional e pessoal, inspirar o pensamento e o gesto, motivar a escuta e a circulação da vida. A obra de arte está sustentada por uma estrutura paradoxal que faz dela, simultaneamente, uma coisa física, visível e tangível — tela, pedra, vídeo, som — e o veículo de uma intencionalidade, de uma ferida, de uma interioridade que a excede e que não se deixa reduzir à pura materialidade. É precisamente esta tensão entre matéria e sentido que faz da obra de arte um lugar privilegiado de exercício empático: diante dela, somos convidados a suspender o juízo imediato, a demorar o olhar, a deixar que algo de outro nos interpele antes de o classificarmos ou de o instrumentalizarmos.

Do mesmo modo, nas relações humanas, o momento transformador é quando deixamos de olhar para o outro em função da sua utilidade e nos tornamos capazes de o reconhecer no seu próprio ser, de forma gratuita, não instrumentalizável. Por isso, a Trienal pode legitimamente propor-se como escola de empatia, porque aprofunda transversalmente a mesma capacidade percetiva e afetiva que somos chamados a exercer nas relações concretas da vida social, académica e política. A própria arquitetura internacional do projeto é já, em si mesma, um exercício de empatia institucional, um convite a habitar uma escuta comum do bem, da verdade e da beleza.

Agradecimentos

Uma palavra de gratidão é devida às sete universidades que aderiram ao projeto desta primeira edição da Trienal e a sonharam empaticamente: à Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, na pessoa do seu Reitor P. Anderson Antonio Pedroso, S.J.; à Pontifícia Universidade Católica do Chile e ao seu Reitor, Prof. Juan Carlos de la Llera; à Pontifícia Universidade Javeriana e ao Reitor P. Luis Fernando Múnera Congote, S.J.; ao Boston College e ao Reitor P. John T. "Jack" Butler, S.J.; à Universidade Católica do Sacro Cuore e à

Reitora Prof.^a Elena Beccalli; à Universidade Católica Portuguesa e à Reitora Prof.^a Isabel Capelo Gil; e à Universidade Católica de Angola e à Reitora Prof.^a Irmã Maria da Assunção.

O extraordinário artesão desta Trienal é o Prof. Nuno Crespo, a quem o Dicastério para a Cultura e a Educação confiou a curadoria geral, e a sua equipa de trabalho, em particular o curador assistente João Pedro Amorim. A ele se juntou um criativo colégio de curadores que representam as sete estações desta Trienal: o nosso agradecimento a Luiz Camillo Osorio e Cadu (Rio de Janeiro); a Alexia Tala (Santiago); a Lucía Parias e Sylvia Suárez (Bogotá); a Sheila Gallagher (Boston); a Elena di Raddo e Alessandra Squizzato (Milão); a Filipa Oliveira e João Sarmento, S.J. (Lisboa); e a Kiluanji Kia Henda, Mehak Vieira, Osvaldo Sebastião da Silva e Suzana Sousa (Luanda). Eles selecionaram uma centena de artistas que são verdadeiros mestres da empatia — artistas capazes, cada um à sua maneira, de nos ensinar a sair de nós mesmos para habitar, com respeito e sem pressa, o mundo do outro.

Que a Trienal possa partir e reforçar o papel internacional das Universidades Católicas como laboratórios culturais capazes de contribuir para a tarefa da humanização, ativando dinâmicas de pensamento em favor da paz, do progresso espiritual e da fraternidade.

Card. José Tolentino de Mendonça
Prefeito do Dicastério para a Cultura e a Educação
6 Agosto 2026